

# **RITOS DE KUPEEBÉ E SINNI CRITCH (RITUAIS FÚNEBRES) DO POVO BRASSA DA GUINÉ-BISSAU: O CASO BRASSA KUNTOÉ<sup>1</sup>**

**Ivone Balack<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

O presente artigo é resultado do meu projeto de pesquisa apresentado para a obtenção do grau de bacharelado em humanas, destinado ao estudo dos rituais de Kupeebé e Sinni Critch, saberes fúnebres tradicionais da sociedade Brassa Kuntoé, grupo étnico da Guiné-Bissau. O estudo procura perceber a relevância cultural, espiritual e social dessas cerimônias na preservação da memória coletiva e no mantimento das afinidades entre vivos e mortos. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, combinando revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas semiestruturadas com anciãos e participantes diretos dos rituais. Essa metodologia permitiu entender os sentidos atribuídos pelos próprios membros da comunidade. Adotamos, por fim, um estilo reflexivo quanto à nossa função enquanto pesquisadora, considerando que a interpretação dos rituais inclui tanto o saber empírico em campo quanto o diálogo com as referências teóricas e conceituais.

**Palavras-chave:** Brassa-Balanta (povo africano) - ritos e cerimônias fúnebres; Guiné-Bissau - usos e costumes; Kupeebé e Sinni Critch.

## **ABSTRACT**

This article is the result of my research project, submitted for my bachelor's degree in humanities, focused on the study of Kupeebé and Sinni Critch rituals, traditional funeral practices of the Brassa Kuntoé society, an ethnic group in Guinea-Bissau. The study seeks to understand the cultural, spiritual, and social relevance of these ceremonies in preserving collective memory and maintaining affinities between the living and the dead. The research was developed using a qualitative approach, combining a literature review, document analysis, and semi-structured interviews with elders and direct participants in the rituals. This methodology allowed us to understand the meanings attributed by the community members themselves. Finally, we adopted a reflective approach regarding our role as researchers, considering that the interpretation of the rituals involves both empirical field knowledge and dialogue with theoretical and conceptual frameworks.

**Keywords:** Brassa-Balanta (African people) - funeral rites and ceremonies; Guinea-Bissau - customs and traditions; Kupeebé and Sinni Critch.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Santos Souza.

<sup>2</sup> Bacharela em Humanidades e graduanda na Licenciatura em Ciências Sociais pela UNILAB. Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo geral compreender e demonstrar os rituais de Kupeebé e Sinni Critch do povo Brassa, no caso particular de Brassa Kuntoé. Procura-se ressaltar suas significações culturais, espirituais e sociais, bem como o reconhecimento desses rituais na preservação da memória coletiva, no mantimento da comunidade e na conjunção social, que tem grande contribuição para o campo da Antropologia, de maneira especial no estudo dos rituais das cosmologias e das práticas culturais de povos africanos, expandindo o conhecimento científico sobre as sabedorias tradicionais do povo Brassa da Guiné-Bissau.

Pretende-se também fortalecer as contestações acadêmicas sobre o grande valor dos rituais na organização social, na memória coletiva e na comunicação intergeracional de conhecimentos, valorizar, reconhecer e salvaguardar os saberes tradicionais do povo Brassa, promovendo a conscientização sobre a importância dos rituais de Kupeebé e Sinni Critch para a manutenção da identidade cultural e da coesão comunitária. Busca-se ao mesmo tempo contribuir para a valorização dos patrimônios espirituais africanos, colaborando para o fortalecimento das sociedades locais frente às provocações da modernidade e das transformações culturais. Investigar o desempenho social dos rituais fúnebres na permanência das afinidades entre os vivos e os mortos.

No desenvolvimento da pesquisa que procedeu neste artigo, optamos por um percurso metodológico centralizado na leitura e análise bibliográfica que permitiu contextualizar de acordo com a teoria do tema. Além disso, consegui entrevistas com três indivíduos pertencentes à etnia Balanta da Guiné-Bissau, uma mulher nomeada Faustina Sido, dois homens que são Albano Armindo Kuntché e Pedro Danfa Sanca que participam diretamente das práticas de rituais fúnebres permitindo uma relação mais próxima com as experiências e saberes locais. Catafalco concordata entre estudo bibliográfico e relatos de interlocutores estabeleceu a suporte empírica do trabalho.

Por conseguinte, além dessa introdução, o artigo está estabelecido em três departamentos: no primeiro trato da Cosmogonia do Povo Brassa buscando entender como se estruturam os seus entendimentos de origem, espiritualismo e universo. Essa discussão possibilita colocar os rituais adentro de um horizonte cultural mais extenso em que vida, morte e ancestralidade se entrelaçam como componentes principais da tradição Balanta.

No segundo falo sobre os Rituais Fúnebres do Povo Brassa compreendidos como práticas que transcendem o simples ato de despedida dos mortos. Eles representam processos de prosseguimento da vida devota, reafirmação da cédula de identidade coletiva e

fortalecimento das conexões com os antepassados. Essa análise procura demonstrar a grandeza cultural e simbólica que sustenta tais práticas no dia a dia da sociedade.

No terceiro foco no caso dos rituais fúnebres entre o povo Brassa Kuntoé, ressaltando como e esses rituais não se restringem à despedida do falecido; eles significam um adjacente de práticas culturais, espirituais e sociais que fortalecem a identidade do grupo, pois cantos, danças e oferendas marcam o caminho da pessoa para o mundo dos ancestrais, enquanto a participação comunitária reforça os laços sociais e assegura a transmissão de saberes e valores entre gerações.

Por fim, apresento as considerações finais, onde retomo as principais questões que orientaram o desenvolvimento da pesquisa, bem como as reflexões e análises decorrentes dos resultados obtidos. Esta composição nos defendeu na mais perfeita maneira de abordagem da nossa temática de modo que torne mais próspero o seu entendimento com correspondência ao leitor.

## **2 COSMOVISÃO DO POVO BRASSA (BALANTA)**

O entendimento dos rituais na antropologia é fundamental para interpretar os saberes culturais e os sistemas simbólicos das sociedades. Peirano (2003) questiona o ritual como instrumento analítico e demonstração nativa, destacando que a etnografia é o suporte da antropologia, sem observação baseado na experiência não há antropologia, constituindo o trabalho de campo é fundamental para entender as significações sociais e culturais dos grupos estudados.

O método etnográfico, desde Malinowski, caracteriza-se pela imersão no campo, pela pesquisa participatória e pela permanente reelaboração dos questionamentos. A proposição e a empiria caminham conectadas, sendo a realização de campo uma fonte de inovação e reflexão crítica sobre a própria disciplina (Peirano, 2003).

A afirmação de Camilleri (2010) nos convida a repensar o papel do ritual nas sociedades tradicionais, principalmente nas africanas como o caso do povo Brassa da Guiné-Bissau. Ao afirmar que o ritual é uma realização social performativa, o autor parte com o pensamento de que o ritual não é somente uma representação simbólica ou uma reprodução física de gestos transmitidos. Pelo contrário, ele nos relata que o ritual tem uma função essencial com atua na reorganização da sociedade, esforça os valores grupais e reativa as conexões entre os vivos, as antepassadas e o cosmos.

Nos rituais iniciáticos, por exemplo, como o Kupeebé ou o Sinni Critch<sup>3</sup> entre os Brassa, o que está em jogo não é exclusivamente a marcação simbólica da passagem da meninice à vida adulta, entretanto a reconfiguração do espaço da pessoa no mundo, dentro da sociedade e perante do consagrado. O rito ensina, muda e legaliza novas comunidades. É uma maneira de encenar a cosmologia da sociedade, isto é, seu entendimento de mundo, natureza e espiritualismo.

Como ressalta Victor Turner (1974), os rituais são momentos de "liminaridade", em que as estruturas sociais são provisoriamente suspensas para que novos desempenhos e definições permaneçam estabelecidos. Essa compreensão é reforçada por Camilleri ao utilizar o conhecimento de performance, mostrando que o ritual não tão-só representa a estrutura social, porém a determina de novo, a cada consumação.

Do mesmo modo, os rituais conservam viva a lembrança coletiva, atualizando mitos fundadores, princípios de comportamento e ligações com o mundo invisível. Eles não só expressam, todavia criam fato social e cosmológico, promovendo pertencimento, coesão e prosseguimento cultural.

Assim sendo, a concepção de Camilleri é coerente com abordagens contemporâneas da antropologia, que observam o ritual como um instrumento de atuação social, pedagógica e espiritual, que amolda ativamente a sociedade em vez de exclusivamente raciocinar um conhecimento fixo.

A afirmação de Seide (2017) mostra que o papel principal dos rituais está na estrutura simbólica e social das culturas tradicionais. Os rituais não são meros eventos rituais separados, contudo demonstrações convivas da cosmovisão de um povo, em outras palavras, de como ele percebe a existência, o tempo, a natureza e o sagrado.

Nas sociedades Africanas e de maneira mais particular na Guiné-Bissau, os ritos de iniciação convêm para distinguir a transformação de fase de vida de um indivíduo para outra. Ao mesmo tempo, os ritos de passagens têm uma função de mudar o estatuto social da pessoa ou de um grupo de pessoas dentro da comunidade (Minjol, 2023, p. 14).

Em muitos grupos africanos como entre o povo Brassa (Balanta) da Guiné-Bissau, os rituais são os elementos pelos quais se reafirma a conexão entre os vivos e os antepassados. Essa ligação não é tão-somente simbólica, mas funcional porque os ancestrais são classificados como agentes ativos na vida da comunidade, proporcionando proteção, sabedoria e estabilidade espiritual.

---

<sup>3</sup> Kupeebé é um ritual fúnebre de enterro e Sini Critch é um ritual de finalização, a última fase dos rituais fúnebres.

A concretização de ritos como o Kupeebé e o Sinni Critch, por exemplo, além de marcar etapas de trajetória na vida dos sujeitos como a passagem da infância para a vida adulta, reconstrói o acordo coletivo com os espíritos e com os fundamentos da identidade cultural. Nessas cerimônias, são transmitidos valores como dependência recíproca, consideração aos mais velhos, à terra e às regras da comunidade.

Em seguida, concordando com Seide (2017), pode-se declarar que os rituais são saberes principais de entendimento entre os mundos visível e invisível, entre o passado e o presente, entre o particular e o coletivo. Eles garantem a continuação cultural e reafirmam invariavelmente os significados mais profundos da existência para cada sociedade.

Além disso, segundo a nossa entrevistada Faustina Sido (2025), os rituais de passagem, como os ritos fúnebres, são momentos fundamentais na vida social, pois permitem a transição de estados, reafirmam identidades e fortalecem os laços comunitários.

Os rituais de passagem são práticas essenciais nas sociedades tradicionais porque marcam períodos decisivos da vida: o nascimento, a infância, a adolescência, o matrimônio e a morte. Todo trajeto representa não apenas uma mudança biológica ou individual, mas, especialmente, uma modificação de status social e uma reconfiguração das pertinências entre o indivíduo e a coletividade.

No caso dos ritos fúnebres a importância é ainda do mesmo modo intensa. Eles não somente sofrem com a perda e o luto, mas garantem que o espírito do falecido permaneça adequadamente transportado ao mundo dos ancestrais, garantindo estabilidade espiritual e social. Entre os povos como os Brassa, essa metodologia é importante: a passagem não complementada perfeitamente pode comprometer tanto os vivos quanto os mortos, causando intranquilidades e deus-nos-acuda.

Como mostra a nossa entrevistada Faustina Sido (2025), esses rituais reafirmam identidades, porquanto assentam o falecido dentro de uma família, de uma história e de uma corporação. A morte não é a protrusão do pertencimento, mas seu seguimento num novo plano. Pelo meio do ritual, a sociedade distingue quem foi aquela pessoa e qual será logo o seu novo lugar entre os ancestrais.

Ao mesmo tempo, fortalecem os laços comunitários porque comprometem a participação de todos como familiares, vizinhos, anciãos e jovens. O ato coletivo de enterrar, cantar, oferecer alimentos ou realizar consagrações espirituais renova os vínculos sociais, atualiza a lembrança e reafirma as importâncias coletivas.

Como Victor Turner (1974) já tinha mencionado, os rituais de passagem designam uma “comunidade afetiva” (comunistas), onde as contestações sociais são transitoriamente

suspensas e todos compartilham o conhecimento do sagrado e da mudança. Assim, o ritual fúnebre é também um momento de renovação social.

No caso dos Brassa, por exemplo, os rituais funerários submergem diferentes fases, como o preparativo do corpo, os cantos rituais, os sacrifícios e os dias de luto, cada um com significados particulares. Essa complexidade ritual demonstra como a morte é vivida como um método comunitário, e não só pessoal ou biológico.

Assim sendo, como argumenta a nossa entrevistada Faustina Sido (2025), os rituais de passagem, de maneira especial os fúnebres, são conhecimentos sociais completos porque operam na ideação simbólica, espiritual, afetiva e política, reforçando a coesão social e a continuidade cultural.

A cosmovisão do povo Brassa é estruturada pela crença na interconexão entre o mundo físico e espiritual, onde tudo está em constante conexão e bom senso. O Ser Supremo, nomeado N'ghala, é considerado como o criador de todas as coisas, entretanto seu desempenho habitual não é mandado; por isso, a interferência entre os humanos e o sagrado se abona por meio dos espíritos dos ascendentes. Como ressalta o Seide (2017), os mortos permanecem a fazer parte da comunidade, influenciando e protegendo os vivos por meio de práticas rituais. Essa percepção desfaz a noção ocidental de morte como ruptura definitiva. Para os Brassa, a morte é uma transição que desloca o indivíduo do mundo visível para o invisível, sem interromper seus laços com o coletivo. Os antepassados são considerados forças espirituais ativas, cuja presença se manifesta em rituais, sonhos, bênçãos ou advertências. Dessa forma, o relacionamento continuado com os mortos é importante para manter a união social, ecológica e espiritual. Os rituais de invocação, agradecimento ou purificação são temporadas em que se reafirma essa vinculação entre famílias, modernizando a ligação entre os vivos e os que já partiram. De tal modo, o sistema místico dos Brassa fortalece não apenas a fé, mas também a coesão social, a identidade coletiva e a transmissão de valores culturais.

Como destaca Camilleri (2010), expressões como “N'ghala Ian Kite Mina” Deus fez aparecer todas as coisas refletem a visão teocêntrica e a compreensão de que a vida, a morte e os processos naturais são parte de uma mesma ordem cósmica.

De acordo com o nosso entrevistado, Kuntché (2025), a perspectiva essencial da percepção de mundo dos Balanta (ou Brassa), para esse povo, o fato não é desconectado em dois mundos opostos, o físico e o espiritual como acontece nas compreensões europeias. Pelo contrário, eles acreditam que tudo está interligado de maneira viva e continuada. A natureza, os espíritos dos antepassados e os seres humanos vivos formam um único cabeamento de

pertinências, onde cada parte influencia e depende da outra.

Essa interdependência significa que os atos humanos afetam o equilíbrio espiritual, e que os espíritos e a natureza também intervêm no dia a dia da sociedade. Nesse contexto, os rituais não são exclusivamente cerimônias simbólicas, mas práticas fundamentais que conservam a tranquilidade do mundo que garantem a produtividade da terra, resguardam a comunidade, curam doenças e reconstróem a harmonia quando ela é desperdiçada.

Por conseguinte, os rituais trabalham como uma ponte entre as autoridades visível e invisível da vida, reconstruindo constantemente a coligação entre os vivos e seus antepassados, entre a cultura e a natureza, entre o humano e o sagrado. Esse ponto de vista demonstra que para os Balanta, viver é também uma obra espiritual e coletiva, encaminhado por respeito, bom senso e prosseguimento entre as proporções da vida.

Segundo Sido (2025), essa visão não se limita ao povo Brassa, mas também é partilhada por outros grupos étnicos da Guiné-Bissau, mas os Balantas, compreendem que passamos por duas fases da vida, que é a fase físico e espiritual.

Dessa forma, o entendimento do mundo pelos Brassa está fundamentado na reciprocidade entre os vivos e os mortos, na reverência aos ancestrais e na busca constante pela harmonia entre os seres e as forças do universo.

### **3 POVO BRASSA (BALANTA) NO CONTEXTO GUINEENSE**

A Guiné-Bissau é um país marcado por uma rica diversidade étnica e cultural, composta por vários povos que, ao longo do tempo, construíram formas próprias de organização social, visões de mundo e práticas culturais. Entre esses grupos, destaca-se o povo Brassa, também conhecido como Balanta, que representa uma das maiores etnias do país. A história desse povo se entrelaça profundamente com a formação social, econômica e cultural da Guiné-Bissau, desempenhando um papel relevante tanto no período pré-colonial quanto durante a resistência à dominação colonial e na construção da identidade nacional.

O termo "Balanta" significa, na tradução local, "aqueles que resistem" ou "os que se recusam a submeter-se", revelando desde sua etimologia uma profunda ligação com práticas de autonomia, resistência e autossuficiência. De fato, o povo Balanta nunca foi plenamente submetido aos reinos vizinhos antes da colonização europeia, nem aceitou facilmente a imposição do regime colonial português (N'Dow, 2013).

Com uma organização social baseada em princípios igualitários, coletivistas e

fortemente ligados à terra e aos ancestrais, os Brassa estruturam sua vida social em torno de redes de parentesco, práticas agrícolas comunitárias e rituais que reforçam tanto a coesão interna quanto sua visão de mundo. Estudar o povo Balanta no contexto guineense significa compreender não apenas sua história, mas também seus sistemas simbólicos, suas estratégias de resistência e sua profunda conexão com o território e com os saberes ancestrais. E, conforme citado por Siga (2015, p. 23 *apud* Balack, 2025), o grupo populacional Brassa apresenta-se desmembrado em seis subgrupos diferentes como Balanta de Kuntoé, Balanta N'hacra, Balanta Patch, Balanta Naga, Balanta Mané e Balanta Damé.

Portanto, esta seção propõe-se a contextualizar o povo Brassa no panorama sociocultural e histórico da Guiné-Bissau, analisando suas práticas sociais, suas formas de resistência e sua cosmovisão, fundamentais para a compreensão da diversidade étnica do país.

Segundo Fernando Siga (p. 22), os mais velhos descrevem que a genealogia do povo Brassa (Balanta) remonta ao Egito, Etiópia e Sudão, contendo conseguido o território da atual Guiné-Bissau entre os séculos X e XIV e espalharam-se ao longo do século XIX pelo país em procura de novas áreas em tão alto grau para se refugiarem de opositores conquistados com o tempo, quão grandemente para diminuir necessidades decorrentes do crescimento populacional como a caçada, o produção agrícola e a criação de rebanho.

Podemos constatar que o povo Brassa (Balanta) ser parte ao grupo de populações mais antiga da Guiné-Bissau, grupo esse cognominado de paleo-sudaneses do beira-mar cuja língua ser peculiar à procedência Nígero-Congo (Scantamburlo, 2013 *apud* Balack, 2022, p. 12). E, conforme a explanação da Balack (2022), O modo predominante de sustento baseia-se na agricultura de caráter familiar, especialmente no cultivo de arroz, pesca, atividades em conjuntos que procuram o enraizamento da conformidade no coletivismo e numa experiência igualitária determinada nos embasamentos culturais semeados de geração em geração.

Conforme afirma Scantamburlo (2013, p. 45) podemos ressaltar que entre os povos Balanta, a terra estabelece o centro da vida comunitária, fenômeno que reforça a autonomia do grupo e esclarece sua histórica resistência às formas de preponderância exterioriza.

A sociedade Balanta, ao contrário de outros grupos étnicos da Guiné-Bissau, caracteriza-se por uma maneira de organização política horizontal, sem a existência de uma autoridade centralizada. Sua estrutura é designada pelo caráter comunitário, sendo administrada por um conselho de anciãos, responsável por definir sobre os assuntos mais importantes, administrar a justiça e resolver as desavenças no domínio comunitário (Cabral, 1970 *apud* Balack, p. 11).

Esse modelo organizacional reflete um ideal de igualitarismo, onde a liderança não é

hereditária nem autoritária, mas construída com base na experiência, na idade e no reconhecimento comunitário.

Segundo Seide (2017), na comunidade Balanta impera uma estrutura igualitária no qual não tem dependência de uns sobre outros já que todos dividem o poder de maneira coletiva, sem a presença de hierarquias ríspidas. Essa linha cultural contribuiu muito para a imagem dos Balanta como um povo persistente, caracterizado pela rejeição em aceitar nenhuma forma de preponderância. Durante o período colonial essa posição se sobressaiu porque foram conhecidos como um dos grupos étnicos que não se abaixaram à autoridade portuguesa, reafirmando seu conhecimento de rebeldia e autonomia.

A linhagem é tipicamente matrilinear, e os laços de parentesco são fundamentais para a organização social, econômica e ritualística. As decisões são sempre tomadas em assembleias familiares ou comunitárias, reforçando os princípios de coletividade.

Historicamente, o povo Balanta resistiu tanto às tentativas de quanto à dominação colonial portuguesa. Durante a luta pela independência da Guiné-Bissau, o povo Balanta participou ativamente dos movimentos de libertação, integrando fileiras do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde).

No contexto atual, embora preservem muitas de suas tradições, enfrentam desafios decorrentes da urbanização, da escolarização em moldes ocidentais e das pressões econômicas e culturais que afetam os povos tradicionais no mundo contemporâneo. Ainda assim, mantêm vivas práticas como os rituais de iniciação, o sistema coletivo de cultivo e o respeito à autoridade dos anciãos.

#### **4 OS RITUAIS FÚNEBRES DO POVO BRASSA: O CASO BRASSA KUNTOÉ**

Os rituais de Kupeebé e Sinni Critch são cerimônias fúnebres que visam garantir a passagem segura do espírito do falecido para o mundo espiritual, além de proteger os vivos de possíveis perturbações espirituais.

O ritual de Kupeebé e Sinni Critch marcam a separação definitiva entre o mundo dos vivos e dos mortos, sendo realizado dias ou até semanas após o falecimento. É um momento de celebração, onde a comunidade se reúne para prestar homenagens, realizar cânticos, danças, sacrifícios e orações.

Ambos os rituais envolvem práticas simbólicas como a utilização de objetos sagrados, o uso de tambores, cantos específicos, danças circulares e oferendas. Além disso, são momentos

de reafirmação da identidade cultural e fortalecimento dos laços comunitários.

Na comunidade Brassa Kuntoé, os rituais de Kupeebé e Sinni Critch seguem fielmente as tradições ancestrais, embora passem por adaptações diante das transformações socioculturais contemporâneas.

A realização desses rituais mobiliza toda a comunidade, desde os parentes mais próximos até os membros distantes e aliados sociais. As cerimônias incluem processos de purificação, preparação dos alimentos sagrados, encenações que simbolizam a jornada espiritual do falecido e a renovação dos pactos entre os vivos e os mortos.

De acordo com a explanação do nosso entrevistado Pedro Danfa Sanca (2025), primeiramente, quando morre alguém na sua família a primeira coisa a se fazer antes de começar a chorar é dar banho no cadáver para deixá-lo bem limpo, procurar bons roupas para lhe vestir, colocar ele/ela na cama ou numa esteira, e cobrir essa pessoa com cobertor branco e depois começar a chorar ao mesmo tempo vai comunicar anciãos da tabanca para vir preparar o espaço onde essa pessoa vai se descansar, se a família tem a possibilidade de comprar a caixa para fazer sepultamento eles compram, quando não tiver essa possibilidade, vão cavar a cova tradicional, essa cova que abrem um quarto lá dentro onde vais lhe inteirar com a esteira e nem areia vai tocar aquele corpo, porque vão colocar o corpo e levantar a esteira e depois colocar a areia.

Ainda na fala de Sanca, no momento da preparação para inteiro vão ter familiares que vão trazer panos e roupas, se é a mulher vai ser vestida pela suas companheiras, vão lhe vestir a camisa grande que chama *garambua* e outras roupas que têm que ser pares, se no caso de homens vai ser vestido pelos homens, vão lhe vestir “sabadora”, quatro camisas, quatro calças ou dois shorts e os panos vão ser estendidos organizadamente, não podem que ser ímpares mas tem que ser pares, se são vinte significa que tem que ser dez aqui e dez ali também depende dos números da família do falecido, se família é grande assim que os panos vão se multiplicar e se números da família é menor o números dos panos vai diminuir, mas isso também depende da condição financeira da família, cumprir com esses rituais, o falecido vai ser sepultado e os restos de roupas que sobrou vai ser lançado na cova assim que a grupo étnico Balanta se prepara às cerimônia fúnebre.

**Imagens 1 e 2** - Um das das roupas rituais que vestem a mulher e o homem no momento do sepultamento



Fonte: <https://share.google/HzqTYes27DEDNb12I> ; <https://share.google/images/dvDo9oAtOAA9wcNK>,

Acesso: 28 set. 2025.

**Imagem 3** - Confeção do pano de Pinte também utilizado no momento do sepultamento



Fonte: <https://share.google/images/I2oqQF3O6NN8JiOgt>, Acesso: 28 set. 2025.

Segundo afirmação do nosso entrevistado, Albano Armindo Kuntché (2025), existem dois tipos de cerimônia fúnebre dos homens, aquele que passou pelo processo de circuncisão tradicional e aquele que não passou por esse processo, a pessoa que já passou pelo ritual de circuncisão, durante o seu processo funerária, os familiares vão enterrá-lo com chapéu “barriti”, “fundinho e realizarem as suas cerimônias particular

Conforme Seide (2017), o fanado é muito importante para um homem BALANTA, em outras palavras, é uma forma de granjear autoridade nessa comunidade e ser considerado em os âmbitos sociais, pois no caso a pessoa não atravessar por essa metodologia é sujeito a limitação de algumas coisas, por exemplo, a não fazer parte nas tomadas de decisões na cerimônia de “TOCA CHORO”, que é ritual fúnebre. Entre eles, observa-se a distinção tanto na maneira de vestir como na forma de comportar. Além disso, no que tange à limitação às pessoas que ainda não realizaram a iniciação, eles não podem participar na cavação de cova para enterrar um indivíduo morto, e muito menos participar na tomada da decisão, o que estabelece um tabu.

**Imagens 4 e 5 - Bariti burmedju**



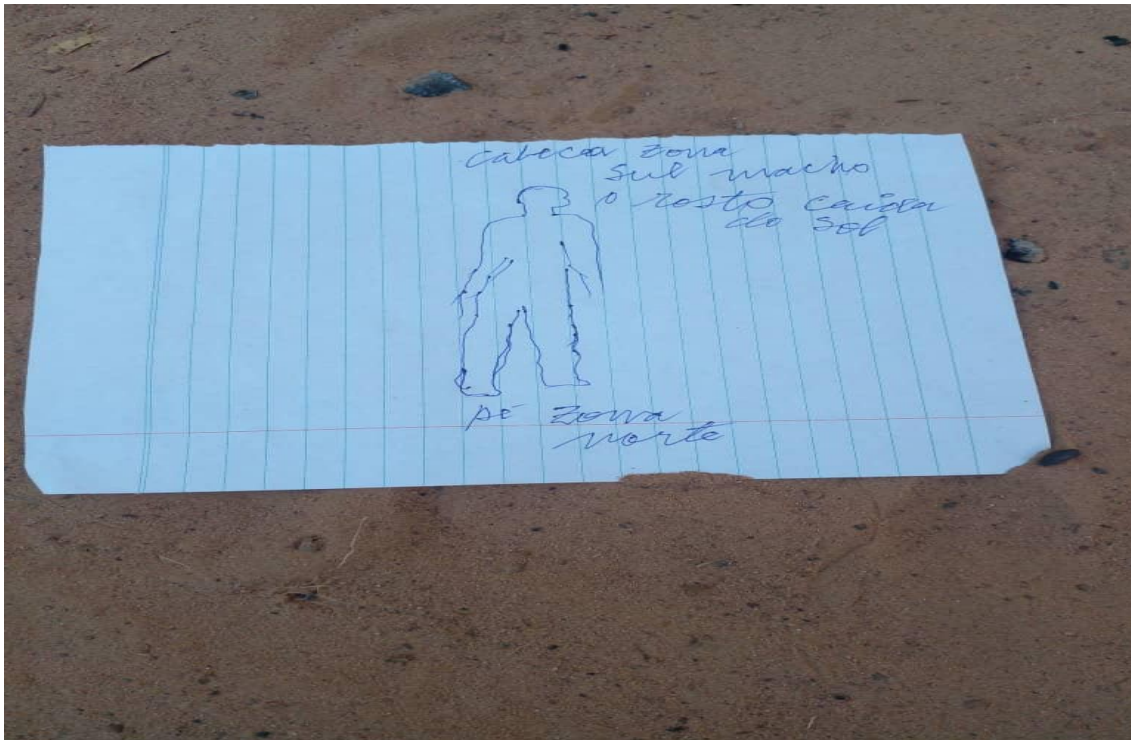
Fonte: Bissunha Nhanri (2025).

Ainda Albano Armindo Kuntché (2025), conta que no momento da realização funerária, a cabeça do falecido tem que ficar na direção sul, o resto tem que ficar na caída do sol e os pés na zona norte, depois vão fazer ritual de comida, que se chama de “*uaga bianda*”, duas tigelas de comidas “*dus cabaz di bianda*”, alguma parte dessa comida serão jogada onde o falecido será sepultado, o resto da comida que ficou, os caras que já cuidaram das pessoas durante o processo de rituais de circuncisão “*kilis ku da cabacera*”, vão comer aquela comida. A pessoa que não passou pelo esse ritual de circuncisão, durante o seu processo de cerimônia fúnebre, não pode colocá-lo o “*bariti burmedju*”, vão colocá-lo a calça fundinho, é uma calça que os homens Balantas usam durante o processo e na descida de ritual de

circuncisão, e o ritual de “*uaga bianda*” todo mundo que participou na sua sepultura pode comer aquela comida, do resto das cerimônias são iguais.

Também, ressalta que a posição na hora do sepultamento se é *matchu* (Homem), a cabeça fica por zona sul, rosto por caída do sol e os pés na zona norte. Se for *femia* (Mulher), cabeça zona norte, rosto por caída do sol e pés zona sul.

**Imagem 6** - Desenho da posição que o corpo de homem deve ficar no momento do sepultamento



Fonte: Albano Armindo Kuntché (2025).

Todavia, as cerimônias de rituais fúnebres são realizadas dependendo de idade do malogrado, isto é, no caso da morte de um bebê recém-nascido, o sepultamento ocorrerá sem o uso das roupas no corpo, o cadáver seria cobrido com as folhas de banana, se for o caso de uma criança que já teve dentes, vão colocar roupas nele/a e depois colocar o corpo numa “*estera*” como afirma Faustina Sido (2025).

Já o Sinni Critch representa a confirmação da aceitação do falecido no mundo dos ancestrais. Este ritual é indispensável para garantir que o espírito encontre paz e que a comunidade permaneça protegida e em harmonia.

Diante disso, o ritual de “enterro” ocupa um lugar central na estrutura espiritual e social dos Brassa Kuntoé. Quando morre alguém, inicia-se um procedimento que vai além da despedida física, sendo vivido como passagem para o mundo dos ancestrais. O falecido necessita ser honrado com rituais específicos para garantir que seu espírito seja bem recebido

no mundo invisível e não origine intranquilidade entre os vivos.

Como conta Reis (1991, p. 114), os nagôs confiavam que a ausência dessa cerimônia bloqueava o falecido de localizar seus antepassados, tornando-o um espírito errante, um iseku. Tal como dentre os iorubas, baiano necessitava estar limpo, cheiroso para velório, bonito, esse derradeiro encontro com amigos e parentes vivos. Para os Balantas, como afirma Seide (2017, p. 51)

O TOKA CHORO é uma prática crucial, sendo ela o motivo de todo o esforço da parte da família (da pessoa que morreu) para sua realização, pois caso contrário, a família passa por azares, segundo a crença BALANTA. O TOKA CHORO, normalmente, pode ser realizado logo após a morte de um ente querido ou é marcando a data para sua realização, dependendo das condições da família ou da morança pertencente ao tal cadáver, porque todos ajudam na sua realização.

Dentre os momentos mais marcantes está o chamado “toka tchur”, uma consumação tradicional em que se celebra a um canto coletivo de canto fúnebre, muitas vezes ao som de tambores e ferramentas locais. O “toka tchur” não é exclusivamente procedimento de dor, mas uma ação performativa que comemora a vida do falecido, propõe suas virtudes e reafirma seu ligamento com a linhagem e com a terra. Mulheres, anciãos e membros da linhagem participam ativamente, proclamando sentimentos por meio da música, da dança e da expressão, num espaço ritual onde o luto se transforma em lembrança e resistência.

A cerimônia fúnebre em Brassá Kuntoé submerge purificação do corpo e da casa, com uso de folhas sagradas; preparo de comidas rituais, divididos entre parentes e vizinhos; Cantos e danças cerimoniais, sacrifícios de animais como bois, porcos, cabras, que homenageiam o malogrado; rituais de invocação nos quais os anciãos chamam os espíritos dos antepassados para receber o novo elemento no mundo invisível e, finalmente, a “toka tchur”, como período purificador de encerramento, que além disso organiza a família para a reconstrução da normalidade.

**Imagens 7 e 8 - Momento de Toka Tchur**



Fonte: Simão Inganha Ntonha, (2025).

Essas práticas mostram que para os Brassa, morrer não é desaparecer, entretanto embarcar em outro plano de existência onde o morto passa a operar como guia espiritual. Esse sistema ritualístico fortalece os laços de solidariedade, legitima a estrutura da comunidade e reafirma a continuidade da vida, mesmo depois da morte.

Portanto, o caso de Brassa Kuntoé demonstra que os rituais de enterro e o toka tchur são demonstrações culturais profundas, que conservam a memória coletiva, robustecem os valores tradicionais e resistem às compressões da modernidade. Assim, os Brassa permanecem a praticar uma forma de vida onde o sagrado, o social e o ancestral peregrinam juntos, mantendo a identidade do povo mesmo perante as transformações.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os rituais de Kupeebé e Sinni Critch do povo Brassa da Guiné-Bissau são muito mais do que práticas fúnebres; são expressões vivas de uma cosmovisão que valoriza a continuidade da vida, o respeito aos ancestrais e a harmonia com o mundo espiritual.

Através desses rituais, a comunidade reafirma sua identidade, preserva sua memória coletiva e fortalece os laços sociais e espirituais. O caso Brassa Kuntoé demonstra a relevância desses saberes tradicionais na contemporaneidade, evidenciando que, mesmo diante das mudanças culturais, a tradição continua a desempenhar um papel central na organização social.

Apesar das desvinculações com os cultos tradicionais desse povo é tão visível por parte de novas gerações, uma vez que permanecem sob “controle” das ideologias eurocêntricas, deixando as suas sapiências culturais obscurecer-se e se apreendendo de forma necessária da cultura europeia, desvalorizando assim os seus costumes tradicionais. De tal modo, os costumes tradicionais terminam por ser desvalorizados, colocados à margem e, em muitos casos, vistos de maneira preconceituosa, como se estivessem práticas arcaicas ou incompatíveis com a modernidade.

Falo isso a partir da minha própria experiência, antes da minha chegada à Unilab, também me distanciei dessas práticas. Cresci com preconceito em relação a elas, confiando que eram “coisas diabólicas” que não prestavam e que a igreja cristã seria melhor do que as tradições africanas. Esse pensamento estava profundamente caracterizado por leituras bíblicas ocidentalizadas que classificavam as práticas rituais africanas como caminhos errados, pecaminosos, e que estigmatizam ao inferno aqueles que nelas participassem.

No entanto, minha vivência acadêmica na Unilab transformou radicalmente essa visão. A instituição, e em especial o Campus dos Malês, em São Francisco do Conde, me proporcionou experiências de estudos e pesquisas que modificaram a forma como observo o mundo e a mim mesma. O contato com bibliografias que abordam os rituais africanos, a oportunidade de estudar obras de referência sobre a temática, as discussões em sala de aula, a convivência com colegas de dessemelhantes origens e as falações inspiradoras de professores expandiram minha consciência crítica. Além disso, as pesquisas de campo realizadas em terreiros de candomblé e em outros espaços de prática religiosa afro-brasileira foram peremptórias para desconstruir preconceitos, pois revelaram a riqueza espiritual, cultural e social dessas tradições. Essas experiências me mostraram que faz todo o sentido valorizar

nossa identidade enquanto povo africano, pois nossas culturas e espiritualidades impregnam saberes milenárias que permanecem a ser fontes de resistência, dignidade e pertencimento.

Posso afirmar que a Unilab, enquanto projeto político e pedagógico, contribuiu no sentido do diâmetro para a reconstrução do meu amor-próprio cultural e para o fortalecimento da minha consciência de pertencimento. Ela não exclusivamente abriu portas para o conhecimento científico, mas também me amparou ao reencontrar minhas próprias raízes. Hoje, percebo que as tradições africanas não são um atraso, mas sim uma herança paterna de sabedoria que nos conecta aos nossos ancestrais e nos dá força para enfrentar as imposições culturais eurocêntricas. Por isso, reconheço o papel fundamental desta universidade na valorização da heterogeneidade cultural e no aguilhoamento ao reconhecimento das tradições africanas como parte intrínseca da nossa formação identitária.

Neste aspecto, este trabalho tem a expectativa de contribuir para a interpretação da identidade cultural do povo Balanta Kuntoé como material escrito que ajudará a mostrar os rasgos culturais desse povo. Por fim, percebe-se que o povo Balanta Kuntoé valoriza a prática tradicional, uma vez que procura manter as suas relações com os seus ancestrais por meio do ritual fúnebre. Nesta senda, acreditam que por meio desse ritual se mantém a ligação com o mundo dos mortos, portanto, há toda a necessidade em realizar a cerimônia Kupeebé e Sinni Crith.

## REFERÊNCIAS

BALACK, Ivone. **Rituais de Kupeebé e Sinni Critch (rituais fúnebres) do povo Brassa (Balanta) da Guiné-Bissau**: o caso de Balanta Kuntoé. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022.

CAMILLERI, Salvatore. **A identidade cultural do povo Balanta**. Lisboa: Colibri, 2010.

GOMIS, S. A. **Cosmovisão e Práticas Rituais dos Balanta na Guiné-Bissau**. Bissau: INEP, 2015.

KUNTCHÉ, Albano Armindo. **Informação obtida via WhatsApp**. Entrevista concedida a Ivone Balack em 12 abril. 2025.

LOPES, A. M. **História Social da Guiné-Bissau: Povos e Culturas em Movimento**. Lisboa: Afrontamento, 2013.

MINJOL, Upá Tomás. **Ritual de passagem em tempo de mudança cultural**: o caso de Baniurutchi em secção de Tam, Guiné-Bissau. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em

Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

N'DOW, M. **Balanta: História, Cultura e Resistência na Guiné-Bissau**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 2013.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SANCA, Pedro Danfa. **Informação obtida via WhatsApp**. Entrevista concedida a Ivone Balack em 09 abril. 2025.

SIDO, Faustina. **Informação obtida via WhatsApp**. Entrevista concedida a Ivone Balack em 03 abril. 2025.

SEIDE, Seco Braima. **Organização social, política e cultural da etnia Balanta**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

SILVA, A. J. **Povos da Guiné-Bissau: Etnicidade, Cultura e Território**. Lisboa: Colibri, 2001.

TURNER, Victor. **O rito: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.